

Mais*

ESTUDO DA FIOCRUZ TESTOU PESSOAS QUE CIRCULAVAM NA RUA E NÃO TINHAM SINTOMAS DE COVID-19



Todos os assintomáticos que testaram positivo em Feira estavam com a cepa P1

Cepa foi a que mais matou na Bahia em maio

Na semana passada, a Secretaria da Saúde do Estado da Bahia (Sesab) publicou que a variante P1 foi responsável por 78,1% das infecções analisadas na Bahia durante o mês de maio. Dos 32 casos analisados pelo Lacen, 25 eram da P1. Além disso, essa variante também foi a que mais matou. Dos 10 casos de óbitos analisados, oito estavam infectados com a cepa de Manaus. Os outros dois casos de morte analisados foram de pacientes que tinham a variante britânica.

O último boletim informativo que o Lacen emitiu aponta que foi identificada a co-circulação de 22 linhagens diferentes no estado desde fevereiro de 2020 e ainda não foram identificadas os casos da variante indiana na Bahia. A variante P1 é reconhecida por ter maior agressividade tanto no seu potencial de transmissão quanto nas consequências, aumentando as chances de internação.

Secretário de Saúde no Estado, Fábio Vilas-Boas aponta que a Bahia registra uma variedade de cepas e atualmente há oito em circulação. "Entretanto, nos meses de fevereiro a maio deste ano, a variante P1 se tornou predominante, sendo a responsável pela aceleração do número de internações e elevação do número de óbitos em todo o Brasil, inclusive, na Bahia", afirmou.

A Bahia ainda é um dos poucos estados que têm conseguido fazer sequenciamentos genéticos do coronavírus no país. O Lacen analisa a maioria das amostras. Ao todo, foram feitos o sequenciamento de 257 amostras provenientes de pacientes de 98 municípios dos nove Núcleos Regionais de Saúde.

CONTAMINAÇÃO SILENCIOSA

Bahia Em Feira de Santana, 11% das pessoas estão infectadas pela variante P1 de forma assintomática

Daniel Aloísio*

REPORTAGEM
daniel.aloisio@redebahia.com.br

A variante gama ou P1, descoberta originalmente em amostras coletadas na cidade de Manaus, está circulando na Bahia e de forma acelerada. Só em Feira de Santana, 11% das pessoas estão infectadas de forma assintomática por essa cepa. Isso, pelo menos, é o que mostra um estudo da Fundação Oswaldo Cruz (Fiocruz) realizado na cidade baiana, que é a maior do interior das regiões Norte, Nordeste, Centro-Oeste e Sul do Brasil.

Dos 620 mil habitantes, a instituição testou 1,4 mil pessoas escolhidas ao acaso que circulam no Centro de abastecimento, na praça da prefeitura e na feira livre do bairro Tomba. Todos os participantes do estudo não tinham sintomas de covid e afirmaram que nunca tinham pego a doença. Os testes feitos foram o RT-PCR -aquele em que é usado um cotonete para coletar secreções da região nasal do paciente - e depois foram enviados ao Laboratório Central

de Saúde Pública (Lacen), em Salvador.

Dos testados, 154 indivíduos foram confirmados com a doença, o que equivale a 11%. "As amostras positivas foram sequenciadas pelos cientistas, que observaram que todos os casos positivos tratavam-se da linhagem gama. Todas eram P1!", alertou o coordenador do estudo, Luiz Carlos Júnior Alcântara, pesquisador titular da Fiocruz.

O cientista ficou assustado com os resultados encontrados. Para ele, o grande problema da explosão de casos em assintomáticos é o fato deles não adoecerem e, se não fizerem distanciamento social e uso de máscara, espalham o vírus sem saber para outras pessoas.

"O estudo mostra que, nos assintomáticos, também tá circulando e muito a variante de Manaus. Isso nos dá suporte, nessa atual situação do país, em dizer que é importante fazer uma investigação profunda nas pessoas que não tem sintomas e manter uso da máscara e distanciamento. Não adianta estar com pessoas que não tem sintomas, pois tem gente próxima de você que pode estar infectado sem saber e transmitindo o vírus", explicou.

E se a circulação dessa cepa é alta entre os assintomáticos, isso demonstra a capacidade do vírus de se multiplicar e infectar cada vez mais pessoas, o que o torna mais perigoso. "A variante se multiplica mais facilmente, tanto nos assintomáticos como sintomáticos. Os sintomáticos procuram o sistema de saúde e são notificados, reconhecidos. Esse não é o caso dos assintomáticos. Logo, a cepa aumenta o número de infectados e o sistema de saúde não tem condição de atender a todos", relata o professor Luiz Carlos.

PARCERIA

O estudo foi feito em parceria com a Universidade Estadual de Feira de Santana (Uefs) e a Prefeitura de Feira de Santana. Foi função dessas duas instituições a coleta das amostras e envio ao Lacen para a realização da testagem. O grupo que testou positivo, inclusive, foi monitorado e isolado pela Vigilância Epidemiológica da Secretaria Municipal de Saúde e cerca de 5%, posteriormente, apresentaram sintomas leves da doença.

"A partir desse estudo pioneiro, com a avaliação dos dados e do comportamento da doença, podemos traçar estratégias para orientar o sistema de saúde com relação às medidas de contenção, prevenção e controle da covid-19. Esses dados são muito importantes para ajudar não só Feira de Santana, como também outros municípios", afirmou a coordenadora do Núcleo de Pesquisa e Extensão em Vigilância da Saúde da Uefs, Erenilde Cerqueira.

A pesquisa foi realizada entre os dias 8 de abril e 18 de maio. Na época, já tinham casos da variante P1 identificados em Feira de Santana. "Me reuni com o secretário e o prefeito e eles me pediram uma sugestão de trabalho para explicar o aumento de casos que estava tendo lá. Não tem nenhum estudo como esse que demonstre essa questão dos assintomáticos", diz o coordenador da equipe. Para o cientista, os resultados encontrados em Feira não são um caso isolado da cidade e refletem o quanto a cepa P1 está circulando em todo o país. "Nós estamos sequenciando essa variante no país todo. A depender do local, ela já é predominante. E o problema nacional é esse, a variante tá circulando em tudo, sintomáticos e assintomáticos".

*ORIENTAÇÃO DE PERLA RIBEIRO

As amostras positivas foram sequenciadas pelos cientistas, que observaram que todos os casos positivos tratavam-se da linhagem gama. Todas eram P1!
Luiz Carlos Júnior Alcântara
Coordenador do estudo